

Teu corpo

Como de Mirra o corpo embalsamado,
Como desfeito por estranho lume,
Teu corpo é fluido... e penso, embriagado,
Que deram tuas formas a um perfume.

Os olhos fecho; o meu ouvido é morto;
Evola o mundo a lânguida indolência,
De que o encheu, num singular conforto,
A transbordar, tua abrasada essência.

Dir-se-ia que em aromas delirantes
Incendiaste bosques e jardins,
E que são duas chamas crepitantes
Tuas mãos ensanguentadas de rubins.

Saem do teu olhar as cariciosas
Volúpias que há do sol nas brumas d' ouro;
E, exaustas bocas de cantar, as rosas,
Pelo teu respirar ritmam seu coro.

Semelha o mundo a pele de pantera
Que tu aqueces, ao deitar-te, nua,
De tal maneira o incita e exaspera
Minha paixão a procurar a tua.

.....
Mas a nossa alma, envolta no mistério,
No estonteamento que teu corpo emana,
Desmaia, como ao choro de um saltério,
Entre das tendas do harém, uma sultana.

Outubro, 1910

Adolescente

Pela primeira vez em frente de um espelho,
Quando ias vestir o teu babeiro curto,
Viste um mistério, no cristal polido e velho,
Como a sombra de um deus que te espreitava
[a furto.

É que não compreendeste, ao veres como
[brasas
Teus seios a crescer – moldes de Taça airosa
Onde mal caberia uma boca sequiosa –
Que em ti o coração começa a erguer as asas.

Mas espera: que em breve essa onda de amor
Há-de inundar-te, encher-te os seios como a
[lua...

- Tua mamã vai dar-te um vestido maior,
E em ti nasce o desejo inquieto de estar nua.

Sobre o teu sonho o deus que te espreitava a
[medo,

P'ra ver a sua imagem, vai-se debruçar.
Todo o teu corpo é coração; és segredo
Que à noite, muito a sós, gostavas de contar.

E não podendo mais surpreender-te os
[espelhos,
Nua, cheia de amor, dessa febre sem calma
Que te obriga a tremer da garganta aos
[joelhos,
Caberás no meu leito e talvez na minha alma.

29 Abril, 1914

Quando mudas de amor.

É por isso que eu sei que a árvore muda de
veste
Fui mais tarde encontrar, doutra mão, teu
[loutor;
[agreste
E onde a minha inscrição destez o tempo
Tomava nova casca em cada novo Abril;
Tinha a árvore seu quê duma mulher gentil;
Pensei, enquanto assim lavrava o meu destino,
-Que o nosso afecto ai vivesse – enamorado,
Confundido de amor no teu nome divino,
Num plátano grave! o meu nome, enlaçado,

A tua árvore

COMPRIMIDO I

Dezembro de 2015

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos

A BULA[®]
Comprimidos Literários



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

Inevitável

COMPRIMIDO II

A aventura da vida, ébrio da sorte,
Vês quasi finda e pões-te a meditar,
A cismar – (ai de ti com medo à morte!)
No que passou para não mais voltar.
Sentes saudades. Num suspiro forte
Desmatas ao lembrar-te um bem querido
E um momento – (ai de ti com medo à morte!)
Do qual jamais quiseras ter saído.
Em vão! Se foste à morte condenado,
A hora de acabar nunca te importe.
Que vale recordar? O tempo amado
Por ti passou sem te livrar da morte.



DUARTE SOLANO Ferreira da Silva nasceu em Penafiel no dia 31 de agosto de 1889 e faleceu no Porto a 16 de dezembro de 1915, vítima de tuberculose. Irmão mais novo do poeta e jornalista Rodrigo Solano, viu-se reconhecido pelos seus pares como um dos poetas mais representativos da sua geração no ambiente cultural portuense nos inícios do século XX. Trabalhou nesta cidade como jornalista em vários periódicos (*O Porto*, *Diário do Norte*, *Educação Nacional* e *Journal de Notícias*). Juntamente com João Grave, foi responsável em 1915 pela edição de *Fumo*, obra sonhada pelo irmão Rodrigo, desaparecido cinco anos antes. Viria a falecer deixando a sua própria produção dispersa por jornais e revistas, acabando por ser compilada por iniciativa de alguns amigos no volume *Corôa de Rosas*, publicado em 1927. In Duarte Solano, *Corôa de Rosas*, estudo introdutório, atualização do texto e notas de Francisco Saraiva Fino, Penafiel, Associação dos Amigos da Biblioteca de Penafiel, 2013.

A FONTE

Num dia azul da minha infância – quieta
Manhã de chuva em parque abandonado –
Esta madeixa de canção, discreta,
Veio até mim no vento embalsamado:

«À tua volta, os loiros e o cipreste,
Impassíveis gigantes,
Olham sem ver o sonho que reveste
Cada um dos teus instantes.

Mas a mágoa que tens no coração,
Lágrimas reprimidas,
Ânsia que não foi beijo, ficarão
No meu seio escondidas.

E quando, à noite, escutes o horizonte,
Quimeras só da tua alma ardente
Na minha voz, no gotejar da fonte,
Ouvirás de mansinho...» Docemente

Foi-se a voz desfolhando. E breve e após
Passaram sobre mim dias inquietos
De ardente olhar, no seu carro veloz,
- Carro de cisnes pretos.,

Passam... E deixem no meu seio pena
Como saudade, tragam dor ou calma,
Os dias levo-os a tanger a avena
Com que prolongo a alma.

Mas hoje paro de cantar. O poente
De folhas secas veste o horizonte.
E como outrora escuto, mansamente,
A voz da mesma fonte.

E ao recordar os meus dias d'outrora
- Como bando de pombas, na sua água
Ainda a espelhar-se - a humilde fonte chora
Numa infinita mágoa.

É que a sua evocação, cansada
Como oração no alento derradeiro,
Revive o nosso amor aquela toada...
- Ó meu Amor Primeiro!

Janeiro, 1913

FORMA

Dizem que não tens alma. No entanto,
Se um coração tivesses no teu peito
Igual ao meu – homem de argila feito,
Feito d'amor – não te queria tanto.

A centelha divina, que é um quebranto
No meu desejo, sempre insatisfeito,
No teu corpo ficou, sonho perfeito
Realizado num supremo encanto.

E insensível talvez, com a pureza
Dum ídolo – contém toda a minha alma
Da tua forma a frigidez das linhas,

Porque os meus sonhos de maior beleza
Trazes na alívia fronte – com a calma
Duma estátua toucada de andorinhas.

Agosto, 1914